

DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA: UMA INVESTIGAÇÃO EM ESCOLAS PÚBLICAS

Joab Silva Rocha (1); Jucileide Melonio Pereira (2); Bianca dos Santos Fernandes (3)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – joab.rocha.bcp@gmail.com (1)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – jucileide.pereira@ifma.edu.br (2)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – bianca.fernandes@ifma.edu.br (3)

Introdução

A cartografia, além de ciência, é tida como arte e técnica. Kaercher (2001), aponta que cartografia é o conjunto de estudos e operações lógico-matemáticas, técnicas e artísticas que, a partir de observações diretas e da investigação de documentos e dados, intervém na construção de mapas, cartas, plantas, além de outras formas de representação. No âmbito escolar, os recursos cartográficos apresentam forte influência no processo de ensino e aprendizagem ao oportunizar a materialização de alguns conceitos.

Para Castrogiovanni (1998), o alfabetizado cartográfico é aquele que consegue relacionar espaço com natureza, natureza com sociedade, perceber a interação entre os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais. É saber interpretar os símbolos, situar-se e posicionar-se frente às demandas interpostas, apropriar-se das relações contextuais de espaço e tempo. A pesquisa emerge nesse sentido, ao buscar uma investigação mais acurada sobre a realidade das escolas públicas municipais de Buriticupu – MA no que diz respeito ao ensino da cartografia. Dentre os objetivos estão: a verificação do grau de autonomia espacial e cartográfica dos discentes da educação básica no município de Buriticupu – MA; examinar a metodologia adotada pelos professores nas aulas de geografia/cartografia para composição do arcabouço teórico do alunado, e analisar a estrutura das escolas selecionadas para promoção do ensino de geografia/cartografia.

Metodologia

A pesquisa, desenvolvida em sete escolas da rede municipal de Buriticupu – MA, foi aplicada em cada uma das escolas com pelo menos um professor responsável pela disciplina de Geografia em horário marcado por este. A sondagem com os alunos se deu em momento posterior, em turmas de 6º ao 9º ano. Cada turma era indicada por um professor e para seleção dos alunos entrevistados, foram entregues envelopes com dez indicações para participação da pesquisa. Os alunos, selecionados aleatoriamente, responderam os roteiros de entrevista na presença do

pesquisador/bolsista. Os dados obtidos foram elencados em planilhas do excel e analisados por meio de porcentagem simples. No total, foram oito professores e 35 alunos entrevistados.

Resultados e Discussão

Dentre os entrevistados, 62,5% dos professores são formados na área e 3 (37,5%) são formados em outras áreas. Em relação ao uso de recursos didáticos, todos buscam usar, a maioria opta pelo uso do globo, elaboração de mapas diversos e uso de atlas. Aproximadamente 1/3 dos professores fazem uso de maquetes e GPS. Dos conteúdos com maior dificuldade, os professores citaram o uso de escalas e projeções cartográficas. Dentre os recursos didáticos que as escolas dispõem, a maioria citou o globo terrestre e mapas temáticos, embora estes últimos desatualizados.

Em relação aos discentes, as turmas apresentaram média de 35 alunos, assim, foram selecionados 10 alunos de cada turma, com exceção do 6º ano, que responderam apenas 5 alunos. Durante a entrevista, foram delimitadas algumas perguntas de sondagem inserida no âmbito da cartografia. A primeira foi “Quais elementos não podem faltar em um mapa?” 34,2% acertaram a pergunta, que apontava: título, legenda, escala e convenções. Foi perguntado também quais os principais pontos cardeais, 65,7% dos discentes escolheram a alternativa correta. A pergunta seguinte foi: Em qual região do país nós estamos? A maioria acertou, 23 pessoas escolheram o Nordeste. Sobre o hemisfério em que o Brasil está localizado, a maioria errou, 19 pessoas escolheram ‘hemisfério norte’. Em relação ao continente de localização do país, 62,8% (22 pessoas) dos discentes acertaram ao escolher continente americano.

É possível que a dificuldade dos professores tenha reflexo no desenvolvimento discente. Esta situação, aponta uma demanda, a necessidade de investimento em cursos de curta/média duração com o objetivo de auxiliar os docentes quanto a estes assuntos. De acordo com Callai (1999), a atitude profissional do geógrafo exige uma formação específica e continuada para compreensão de sua função social como agente transformador.

A cartografia possibilita a interpretação espacial do espaço vivido e distante, ofertando aos envolvidos, as ferramentas necessárias à compreensão da lógica estabelecida. Por não ser tão simples, Simielli (1986) chama a atenção para a necessidade de uma ‘alfabetização cartográfica’ para todos. A temática, como aponta Martinelli (1998) deve ser explorada por meio de jogos e brincadeiras, mas como avançar didaticamente se o básico não é oferecido? É importante que os

professores criem condições de trabalho que favoreçam as diferentes estratégias cognitivas e ritmos de aprendizagem (CASTROGIOVANNI, 2000).

Dos alunos entrevistados, aproximadamente 14% relataram não ter afinidade com a cartografia, porém o que mais chama atenção é a dificuldade que os discentes apresentavam quanto à interpretação das perguntas no roteiro de entrevistas. Foi perguntado a respeito de metodologias interessantes adotadas pelos professores. Muitos alunos não conseguiram responder, porém, dos que responderam, a maioria frisou que o ensino do desenho de mapas chamou muito atenção, bem como quando os professores faziam brincadeiras dentro do assunto trabalhado.

Outras questões, porém, nos deixa de sobreaviso. A maioria dos alunos não sabe que o Brasil está localizado no hemisfério Sul. Quanto aos continentes, alguns estudantes acham que o país está localizado no continente asiático, outros no africano e ainda alguns afirmaram que o Brasil está inserido na Europa. Esta é uma realidade cruel que o país ainda enfrenta. Professores com dificuldade de qualificação profissional e um corpo discente com insuficiência básica desde a leitura e interpretação de textos.

Conclusões

Como trabalhar conceitos tão específicos da cartografia e geografia com alunos que apresentam lacunas agigantadas no processo de ensino-aprendizagem? Como auxiliar professores que por vezes também exibem dificuldade em algumas temáticas dentro deste contexto? Não é viável levar ao corpo discente conceitos de escala, projeção cartográfica, legenda ou demais considerações dentro da cartografia, se a maioria dos estudantes apresentam dificuldade básica em leitura, interpretação de texto e associação de conteúdo.

A priori, faz-se necessário um pacto em prol da educação básica em todos os níveis possíveis. Além disso, urge a necessidade de oferecimento de cursos de aprimoramento didático aos professores de geografia investigados nesta pesquisa. A intenção, a partir de agora, é enviar uma proposta de extensão ao IFMA para auxiliar os professores das escolas municipais com metodologias alternativas para ensino da geografia/cartografia.

Referências.

CALLAI, H. C. **A formação do profissional da Geografia.** Rio Grande do Sul. Unijuí. 1999.

CASTROGIOVANNI, A. C. (org.) **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano.** Porto Alegre: Mediação, 2000.

CASTROGIOVANNI, A. C. Revisando a alfabetização para trabalhar a geografia no ensino fundamental. In: SHAFFER, N. O (org). **Ensinar e aprender Geografia.** Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1998.

KAERCHER, A. N. **Desafios e Utopias no ensino de Geografia.** 3ª ed. Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2001.

MARTINELLI, M. **Técnicas quantitativas e cartografia: alguns comentários sobre uma aplicação.** São Paulo: Geociências, 1998.

SIMIELLI, M. H. **O mapa como meio de comunicação cartográfica: Implicações no ensino de geografia do 1º grau.** São Paulo: FFLCH/USP, 1986.